

Educação ambiental nos lugares urbanos e turísticos – o pertencimento e a valorização do ambiente

Educación Ambiental en los lugares urbanos y turísticos - el pertenimiento y la valorización del medio ambiente

Environmental Education in urban and touristic places - the belonging and the valuation of the environment

Esp. João Nicanor da Costa¹

Me. Junior Cesar Mota²

Resumo

Este artigo é um estudo oriundo do Projeto de Ação em Educação Ambiental – EA – que mostra as ações de EA em fusão com o turismo na busca principal pelo despertar do sentimento de pertencimento da comunidade de Osório, RS. Ele se insere nas correntes de EA conservacionista, crítica e praxica, no âmbito da educação ambiental formal, não-formal e informal, levando alunos de uma escola de periferia da cidade para realizar um roteiro turístico com enfoque em ações de cuidado com o meio ambiente. As ações buscaram compreender o porquê da falta de sentimento de pertencimento da comunidade local aos lugares urbanos e turísticos da cidade e confrontar o cuidar do meio ambiente com o progresso. Além disso, enfatizam a importância de valorizar o patrimônio material e imaterial.

Palavras-Chave: Educação Ambiental; Pertencimento; Turismo.

Resumen

Este artículo es un estudio oriundo del Proyecto de Acción en Educación Ambiental - EA - que muestra las acciones de EA en fusión con el turismo en la búsqueda principal por el despertar del sentimiento de pertenencia de la comunidad de Osório, RS. Se inserta en las corrientes de EA conservacionista, crítica y praxica, en el ámbito de la educación ambiental formal, no formal e informal, llevando alumnos de una escuela de periferia de la ciudad para realizar un itinerario turístico con enfoque en acciones de cuidado con el medio ambiente. Las acciones buscaron comprender el porqué de la falta de sentimiento de pertenencia de la comunidad local a los lugares urbanos y turísticos de la ciudad y confrontar el cuidar del medio ambiente con el progreso. Además, enfatizan la importancia de valorizar el patrimonio material e inmaterial.

Palabras claves: Educación Ambiental; Pertenimiento; Turismo.

Abstract

This article is a study from the Environmental Education (EE) Action Project, which shows the actions of EE in fusion with tourism in the main search for awakening the sense of belonging of the Osório community, RS. It is embedded in the currents of EE conservationist, critical and praxical, in the scope of formal environmental education, non-formal and informal, taking students from a school in the periphery of the city to carry out a touristic itinerary focusing on actions of care for the environment. The actions sought to understand the reason for the lack of sense of belonging of the local community to the urban and tourist places of the city and to

¹ Especialista em Educação Ambiental (FURG). Tecnólogo em Meio Ambiente pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. E-mail: joaonicanordacosta@gmail.com.

² Licenciado em Pedagogia (Unifebe); Especialista em Psicopedagogia Institucional (UnC); Mestre em Educação (Univali); Doutorando em Educação Ambiental (FURG). E-mail: juniormota@furg.br.

confront the care of the environment with the progress. In addition, they emphasize the importance of valuing material and intangible assets.

Keywords: Environmental Education; Belonging; Tourism.

1. Introdução

Este artigo investiga como as ações de Educação Ambiental - EA – crítica e transformadora em lugares urbanos e turísticos podem contribuir no resgate do sentimento de pertença de uma comunidade e o cuidado com o meio ambiente.

Para o desenvolvimento dessas ações, escolhemos o município de Osório, localizado no litoral norte do Rio Grande do Sul. Seu público-alvo foram os alunos do quinto ano da escola municipal Major Antônio de Alencar - uma escola que segundo sua diretoria, atende diversos alunos de periferia.

A ideia inicial para a criação de um projeto nesse sentido surgiu devido ao fato de que a cultura, a história e o crescimento do município de Osório sofreram muitas mudanças, distanciando-se assim do seu passado. Isso se deve ao modelo capitalista hegemônico, ao progresso, aos avanços tecnológicos e à busca pela melhoria da qualidade de vida, que fragiliza as relações dos seres humanos entre si e com o lugar ao qual pertencem. (COUSIN, 2010).

Sendo uma fala comum entre os moradores local, a falta do sentido de pertença é observada nas mais variadas conversas informais entre os osorienses, e reafirmada quando o assunto é posto em discussão. Sendo assim, surgiu a necessidade de elaborar um projeto com ações aplicadas nesse sentido, baseado numa grande questão norteadora: Como resgatar e potencializar o sentido de pertencimento ao lugar de uma comunidade, por meio de ações ambientais e do turismo? Com base nesse questionamento, o projeto teve como objetivo geral o de investigar e potencializar a noção de pertencimento da comunidade ao lugar por meio do turismo, para que a cultura, a história e a identidade se fortaleçam e sejam valorizadas.

Nas próximas seções, que discutem as temáticas da EA, suas correntes, bem como a busca do sentimento de pertencimento, veremos a escolha dos participantes, o lugar de ação, as reflexões emergidas, as novas questões levantadas e os apontamentos para outras ações.

2. Bases para uma reflexão crítica e transformadora: a concepção de Educação Ambiental

A ideia de fundir a EA crítica e transformadora com as atividades de turismo surge pelo fato de que a EA, segundo Reigota (2006), está integrada em todo e qualquer aspecto que norteia nossa vida, nossa sociedade. Portanto o turismo não fica de fora.

De acordo com Loureiro (2003), a EA por si só já tem uma natureza crítica e transformadora. Porém, não pode ser considerada como verdade automática, uma vez que pode levar em conta justamente processos conservadores e já enraizados no cotidiano. O autor nos traz como exemplo disso, as gincanas escolares que promovem a educação ambiental por intermédio da reciclagem, estabelecendo uma competição nociva para ver qual turma arrecada mais resíduos sólidos. O problema não é resolvido e o modelo capitalista é incentivado na produção de resíduos para se ganhar uma viagem ou algum material de maior valor.

Para Marin (2007), algumas causas desse enraizamento pode ser a falta de exercitar a criticidade e sensibilidade. A autora aponta a educação estética como um caminho de reverter esses processos, reascendendo o sentido de coletividade e apostando na abertura dos âmbitos da vivência que a sensibilidade possibilita, além do aspecto erótico e envolvente das vivências concretas. Mas sempre estimulando, no campo ético, os sentidos críticos e sensíveis.

Por conta disso, dentre outras problemáticas, a EA vive uma crise de identidade. Enfrenta assim uma dificuldade de pôr em prática a teoria, deixando de caminharem juntas. Isso se deve pela dificuldade de ruptura com o modelo econômico capitalista vigente (LAYRARGUES, 2012). O autor ainda acrescenta que essa dificuldade se deve também pelas distorções de informações típica da cultura do consumismo.

Como forma de reverter a aplicação de processos conservadores já enraizados no cotidiano, apontados anteriormente, parece importante fazer uma reflexão sobre a reinvenção da EA. É necessário passar por um processo que vise a relação de construção-desconstrução, sempre como forma de superação de conflitos. Para isso uma das sugestões é o resgate de experiências e da essência humana, reconstruindo práticas corretas para se viver na Terra, por intermédio da percepção. (MOTA, 2016).

Com isso, podemos estabelecer uma relação das ações com as correntes de Educação Ambiental conservacionista, crítica e praxica. No âmbito da corrente crítica, há uma análise, ainda que superficial, dos valores explícitos e implícitos do sentimento de pertença. Por parte da corrente conservacionista, há a preocupação em conservar os patrimônios construídos. Também podemos visualizar a aprendizagem e a ação acontecendo simultaneamente, na articulação das ações de EA com o turismo que se comunicam, contextualizando a corrente praxica. (SAUVÉ, 2005).

Por fim, salientamos que as ações de EA com o turismo perpassam entre a educação ambiental formal, informal e não-formal, segundo Chaddad, (2012) e a Política Nacional de Educação Ambiental - PNEA. Formal, por utilizar um grupo escolar que tem uma proposta pedagógica que se utiliza dessas ações como forma de aprendizado. Informal, por fomentar a consciência e a intervenção da sua realidade nas pessoas. E não-formal, por ter sua prática educativa voltada para a sensibilização e participação do coletivo na defesa da qualidade do meio ambiente. A seguir, os elementos que justificam a aposta de trabalhar o turismo com Educação Ambiental.

3. O turismo e o sentido de pertencimento: resgatando as identidades e a valorização do lugar

A EA pode contribuir nas inovações sociais e resolução de problemas socioecológicos, atuando de forma coletiva após o indivíduo ter sua noção de pertencimento desperta e entender seu “papel no mundo”. (SAUVÉ, 2016). Para que isso ocorra é importante trabalhar a valorização e o reconhecimento dos elementos topofílicos – elo positivo entre o indivíduo e o lugar – e identitários que ligam o humano aos seus lugares. (MARIN, 2007).

Para Sá (2005), a ideologia individualista da cultura capitalista constrói uma representação da pessoa humana como um ser mecânico, desenraizado e desligado do seu contexto, desconhecendo suas relações e tudo aquilo que não esteja diretamente ligado ao seu bem-estar. Ela ainda nos diz que essa visão particularista e fragmentada é apontada como o principal obstáculo para a superação da incapacidade política que pode reverter os riscos ambientais e a exclusão social.

Para isto, segundo Cousin (2010), podemos apostar na potencialidade e na importância do planejamento e desenvolvimento de ações ambientais com o objetivo de possibilitar a compreensão do lugar a partir das demandas existentes no contexto local – a possível falta do sentimento de pertencimento da comunidade aos lugares das ações. Essas ações podem ser capazes de despertar o sentimento de pertencimento.

A autora ainda sugere que se refaça o sentido de pertença perante as novas formas que se criam nos espaços e lugares. Desse modo, fomentar o turismo de forma que ele auxilie na promoção e no resgate do pertencer ao lugar passa a ser uma aposta promissora. A articulação do turismo com a EA emerge de forma mais clara.

Sobre o turismo, destaca-se que ele adquiriu um caráter mais mercadológico desde o final do século XIX, surgindo assim as figuras dos agentes de viagem ou de turismo. Esses agentes são os responsáveis por comercializar e pesquisar os lugares e os atrativos turísticos

que serão ofertados nos pacotes oferecidos aos turistas. Acerca dos agentes, destacamos a sua figura mais representativa: o Guia de Turismo – profissional que acompanha grupos durante a realização de excursões e viagens. (CHIMENTI, TAVARES, 2007).

A Lei 8623/93 – que regulamente a profissão de guia de turismo – destaca que dentre as várias funções do guia de turismo, está a de prestar informações turísticas – identificando, interpretando e repassando essas informações – acerca dos lugares turísticos visitados, com ou sem auxílio de um guia ou agente local, criando uma rede corporativa turística. As autoras ainda trazem que essa troca de informação e vivências deve levar em conta os aspectos culturais, políticos, sociais e ambientais dos lugares, respeitando a singularidade e os costumes locais. Sendo assim, os agentes são grandes responsáveis pela formação de opinião dos turistas, e podem, dentro do atual contexto trabalhado, atuarem como educadores ambientais.

Mas, é importante ter alguns cuidados. Conforme Rushmann (1997), é dever dos agentes de turismo evitar o turismo de massas – aglomeração de pessoas em um único lugar. Ela ainda nos traz que o turismo de massas causa uma série de danos ao meio ambiente, sendo entre eles a destruição da cobertura vegetal do solo; a poluição visual e atmosférica; a contaminação da água de rios, lagos e oceanos e por fim a erosão das encostas. É indispensável observar esses aspectos para que a atividade turística aconteça de forma equilibrada e não confronte com a máxima da EA crítica e transformadora.

4. O lugar e os sujeitos da ação

Iniciamos contextualizando a cidade de Osório, localizada na região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. O município teve sua formação histórica e cultural intimamente ligada com os portugueses, açorianos, africanos e imigrantes alemães e italianos. Seus principais eventos anuais dão-se muito em função de datas religiosas e festivas alusivas aos povos que constituíram a formação da cidade. (SILVA, 2017).

Porém, devido ao progresso, aos avanços tecnológicos e à busca pela melhoria da qualidade de vida, a cultura, a história e o crescimento do município sofreram muitas mudanças, distanciando-se assim do seu passado. O distanciamento da cultura e da história de um lugar com o seu passado é caracterizado por Cousin (2010) como um fenômeno que representa uma sensação de pertencer a lugar nenhum, a sensação de não se sentir mais parte do lugar que antes se sentia integrante, utilizando-se das palavras de Grün (2008).

Para o desenvolvimento das ações de EA articuladas com o turismo, definimos um roteiro urbano, a pé, que contemplasse alguns lugares históricos (Quadro 1) de relativa importância para a história do município de Osório. Esses lugares trazem consigo diversos casos, dados e fatos que podem ter se perdido para as atuais gerações. Baseada nas obras de Ribeiro (2006) e Mury (2006), historiadores locais, uma pesquisa para o resgate dessa história e por consequência desses valores aconteceu para que servisse de base de sustento ao roteiro urbano (Figura 1).

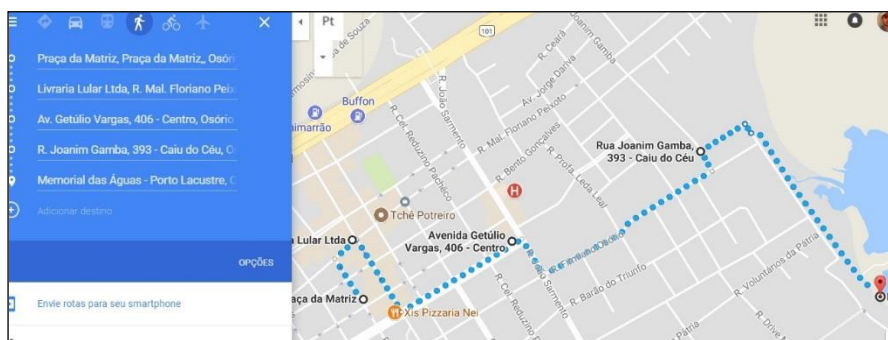


Figura 1: Roteiro urbano para as ações em EA
 Fonte: Google Maps.

Nesse roteiro, como forma de mostrar a importância de valorizar o patrimônio material e imaterial, se trouxe a importância histórica e social de cada lugar mencionado. Também com igual enfoque, a importância ambiental foi um dos pontos chaves em cada conversa com o público que realizou o roteiro nos lugares históricos da cidade (Quadro 1 e Figuras 2 e 3).

Quadro 1: Lugares históricos contemplados no roteiro

Cidade de Osório - início e desenvolvimento da cidade.	Prédio Antiga Intendência - um dos prédios mais antigos e de arquitetura diferenciada no município.
Igreja Matriz - desenvolvimento da comunidade ao seu entorno.	Árvore no meio do caminho - convivência harmônica do natural com o desenvolvimento urbano.
Praça Matriz - ênfase no antigo teatro, cinema e comércio.	Complexo Lagoa do Marcelino - área de lazer conflitante com o despejo de efluentes líquidos.

Fonte: Elaborado pelos autores.



Figura 2: Praça e Igreja Matriz/ Prédio da Antiga Intendência
Fonte: Acervo dos autores.



Figura 3: Árvore no meio do caminho/Complexo da Lagoa do Marcelino
Fonte: Acervo dos autores.

Os sujeitos da ação foram os alunos e as duas professoras do quinto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Major Antônio de Alencar, localizada no bairro Caravágio, cidade de Osório. De acordo com a equipe diretiva da escola, muitos alunos da escola são de periferia e famílias carentes, com pouco ou nenhum acesso aos lugares e à cultura do município. Chamaremos esses alunos, num total de 38 e que têm entre 10 e 12 anos, de turistas, devido ao contexto da atividade.

A escolha de um grupo tão específico se justificou devido ao conteúdo curricular trabalhado com esses alunos que, naquele momento, era justamente a história do município. Nada mais adequado que reviver e recontar essas histórias visitando e vivenciando alguns desses lugares. O papel das professoras durante a atividade era de auxiliar no deslocamento dos turistas e chamar a atenção para quando algum dado apresentado no roteiro assemelhava como o que vinha sendo trabalhado em sala de aula.

Como forma de entender desses pequenos turistas o quão pertencentes ou não em relação aos lugares urbanos e turísticos da cidade eles se sentiam, as falas detinham um direcionamento para essa reflexão, colocando o sujeito para pensar sobre o assunto. Ao final da realização do roteiro, realizou-se uma pesquisa rápida de opinião, de cinco questões, com os alunos. As respostas e reflexões apontadas pelos alunos foram trabalhadas em sala de aula em parceria com as duas professoras do quinto ano que acompanharam as atividades. A seguir, apontaremos os objetivos, as discussões e as reflexões que surgiram durante a realização do roteiro.

5. Reflexões emergidas das ações

Como forma de tentar potencializar o sentimento de pertença do grupo, ou perceber o quão esse grupo se sentia integrante ao lugar e a sua recíproca, utilizou-se uma fala direcionada. Essas falas – que trataram do cuidado com o meio ambiente, focando na história, cultura e importância social desses lugares – aconteceram em cada parada estratégica nos pontos-chaves para o desenvolvimento do tema central das ações de EA.

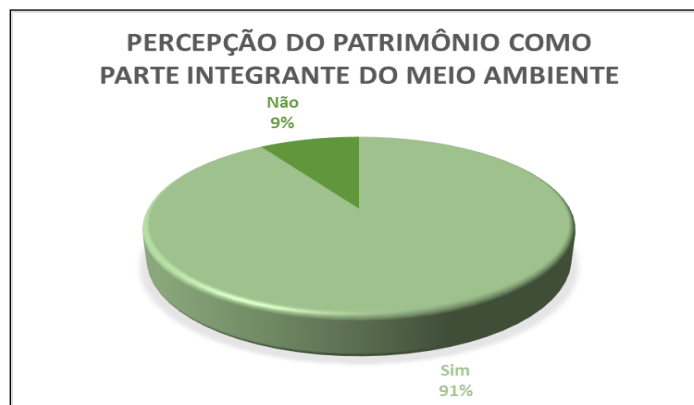
Ao longo do roteiro, cinco questões serviram de base para toda reflexão e intervenção que acontecera. São elas:

- Você percebe os patrimônios materiais e imateriais como parte integrante do meio ambiente? () sim () não;
- Sua visão crítica perante os lugares vistos teve alguma mudança após a atividade? () sim () não () em partes;
- Você concorda que os patrimônios materiais deveriam ser conservados como parte da paisagem local? () sim () não () em partes, o progresso deve ter espaço;
- Você concorda que um cidadão consciente do seu pertencimento ao local de vivência é importante para a conservação do meio ambiente saudável? () sim () não () não consigo estabelecer uma relação entre ambos;
- Deixe suas considerações a respeito da atividade e sobre o que foi abordado durante esse roteiro.

No primeiro deles, considerou-se a percepção dos patrimônios materiais e imateriais como parte integrante do meio ambiente. Quase de forma unânime – como mostra o gráfico

abaixo (Gráfico 1) – os participantes entenderam que os fatos históricos, o folclore, as edificações antigas e os aspectos culturais ligados a cada um dos lugares visitados fazem parte do meio ambiente.

Gráfico 1: Percepção do patrimônio



Fonte: Elaborado pelos autores

Não importa se o que existe naquele lugar é algo construído pelo homem. Sua matéria prima advém da natureza e se incorpora ao meio ambiente. Dessa forma, como nos trouxe Marin (2007), por intermédio da educação estética, percebe-se a criticidade e a sensibilidade do grupo despertadas ou ao menos modificadas, o que sugere uma ressignificação do sentimento de coletividade, e por consequência, do pertencimento – uma de nossas principais buscas.

Se no primeiro apontamento sugerimos que ocorreu ao menos uma mudança no senso crítico dos sujeitos, o segundo nos trouxe essa confirmação. A mudança da visão crítica perante os lugares visitados ocorreu de forma unânime. Os relatos apontaram uma sensibilização e uma nova visão aos lugares que o grupo passou durante o roteiro. As intervenções ambientais acerca dos lugares e fatos buscavam trazer à comunidade a importância de valorizar seu patrimônio, material e imaterial, e assim alcançaram um dos objetivos específicos do projeto.

Vários participantes comentaram já conhecerem alguns dos lugares, porém não tinham o conhecimento da sua história ou de sua importância para o município, como nos mostra a fala do Turista 1: “*Eu achava o prédio da Lular – Antiga Intendência – uma coisa antiga e feia. Mas agora entendo que existe uma história desse lugar.*” (Figura 4 e 5). Não se sentiam assim pertencentes aos lugares e por consequência não os consideravam tão importantes. Claramente ocorre aqui a falta de pertencimento a lugar nenhum, como nos trouxe Cousin (2010).

Figura 4: Prédio da Antiga Intendência



Fonte: Acervo dos autores.

Figura 5: Turistas na Árvore no meio do caminho

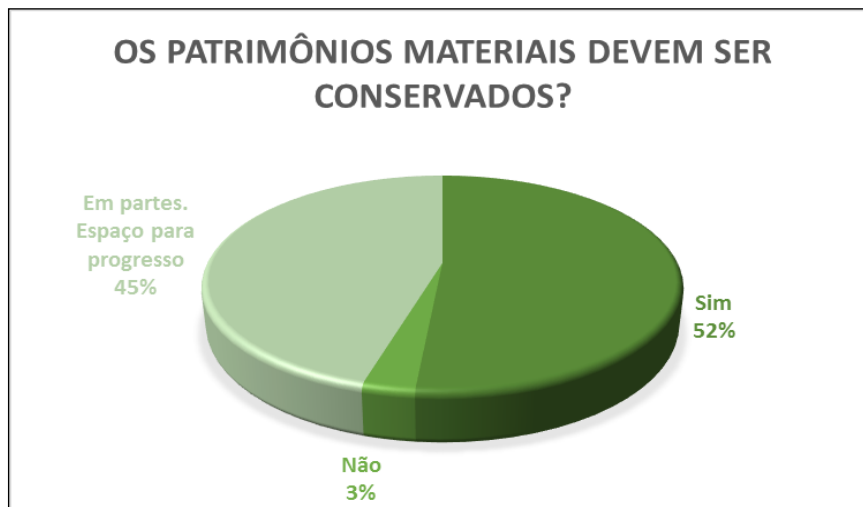


Fonte: Acervo dos autores.

Nesse momento, de forma espontânea, era perceptível que os pequenos turistas já se sentiam mais integrantes ao contexto que a atividade oferecia e por consequência já manifestavam em conversas montadas em pequenos grupos a intenção de trazerem outros sujeitos pra conhecerem e experimentarem o que eles acabaram de vivenciar.

Quando abordamos a conservação dos patrimônios materiais como parte da paisagem local, o grupo se dividiu em suas considerações de forma considerável pela primeira vez, como podemos observar no próximo gráfico (Gráfico 2). A Turista 2 disse que “*os prédios antigos poderiam virar lojas ou shopping, mas ficando do jeito que são*”, sugerindo que as antigas edificações poderiam ser adaptadas para atividades comerciais ou algo similar. Outros disseram que edifícios tão velhos, mesmo que tenham uma história do seu lugar para contar, já não se encaixam no contexto estético atual.

Gráfico 2: A conservação dos patrimônios materiais



Fonte: Elaborado pelos autores

Esse segundo grupo foi unânime em apontar que deve haver um ponto de equilíbrio entre a conservação dos patrimônios materiais e edificações antigas com o progresso. Um não atrapalhando o outro, como nos traz o Turista 3 em sua fala: “*se o prédio é muito antigo e pode cair, então tem que construir um novo no lugar*”. Podemos deduzir então que os integrantes do segundo grupo, em suas considerações, estão apontando para um direcionamento da corrente crítica, como nos traz Sauv  (2005). Afinal, os valores de pertencimento – principalmente os implícitos – foram postos em cheque durante a realiza o do roteiro.

O quarto apontamento teve a inten o de compreender se o grupo entendia que um cidadão consciente do seu sentimento de pertencimento ao local de vivência era importante para o cuidado do meio ambiente saudável. Ainda, buscou entender se o grupo compreendia que um indivíduo consciente do seu pertencimento ao local pode auxiliar nas inova es e resolu es de problemas socioecológicos, como caracterizou Sauv  (2016).

  conveniente salientar que houve um direcionamento da visão crítica nesse sentido, manifestando em cada parada para interven o de que todo indivíduo que se sente pertencente ao contexto apresentado automaticamente se apropria e o cuida (Gráfico 3).

Gráfico 3: O sentimento de pertencimento e cuidado com o meio ambiente



Fonte: Elaborado pelos autores

Assim como no primeiro apontamento, aqui tivemos quase uma unanimidade. Um cidadão que enxerga o lugar, a história ou o patrimônio material e imaterial como seu, é importante no cuidado do meio ambiente. O grupo pensa que se um indivíduo se sente pertencente ao lugar, ele é automaticamente um cuidador do meio ambiente local.

Para encerrar, pedimos ao grupo que fizesse suas considerações acerca do roteiro. O grupo deveria apontar para aquilo que mais lhe ressaltou aos seus sentidos durante a realização do roteiro. As falas variaram bastante, mas praticamente todas tiveram um mesmo direcionamento, apontando em como foi interessante enxergar com um novo olhar alguns dos lugares já conhecidos.

Os que já conheciam alguns dos pontos apresentados, salientaram não ter conhecimento da história e, portanto, não tinham conhecimento da importância dos lugares para si mesmos. Já aos que descobriram pela primeira vez os lugares, houve um misto de vislumbre e surpresa, por saber que na sua cidade, considerada por todos tão pequena, existem lugares com tanta riqueza de histórias.

Exemplificamos com as falas de dois turistas. A Turista 3 nos disse que *“já conhecia alguns lugares. Mas não sabia a história de nenhum deles. Achei muito legal a árvore no meio da rua, porque tem asfalto mas tem natureza”*. Para o Turista 4 algo interessante foi o seguinte: *“não sabia que no prédio da Livraria Lular – Antiga Intendência – funcionava uma espécie de cadeia, e o prédio é muito antigo – fachada datada de 1927 – e existe até hoje”*.

Ao final do roteiro, os turistas foram convidados para apreciar e vivenciar o último lugar de visita – Complexo da Lagoa do Marcelino – para então retornarem para a escola.

Dessa forma, a atividade se encerrou, dando ensejo às discussões e reflexões expostas nesta seção.

6. Considerações atuais

Buscamos ao longo de todo o processo descrito até aqui, a aplicação de ações de EA em lugares urbanos e turísticos. Em outras palavras, buscamos a fusão da EA com o turismo. Sendo assim, a primeira observação a ser feita é a de que a EA e o turismo, unidos, são uma ferramenta de aprendizado eficaz no processo de construção, desconstrução e reconstrução do sujeito.

Uma vez vividas as experiências durante a realização de um roteiro turístico, ainda que não tenho enfoque comercial, o turista fatalmente traz para si uma nova percepção acerca dos lugares. Poderíamos arriscar dizendo que essas experiências trazem uma nova percepção no modo viver? Aos turistas locais, integrantes do grupo de ação, parece que sim.

Vivenciando, aprendendo e reaprendendo os lugares e suas histórias, esse turista local revive ou ascende seu sentimento de pertencimento ao local. A consequência lógica disso é a valorização do meio ambiente, dos lugares, da história, da cultura e da comunidade do entorno desses lugares de vivência.

Sendo assim, de forma satisfatória pode-se dizer que os três objetivos específicos do projeto foram alcançados. As intervenções ambientais, citadas na seção anterior, trouxeram a importância de valorizar o patrimônio material e imaterial. Como base nisso, não é pretensão dizer que esta atividade contribuiu para o resgate da identidade cultural e ambiental do lugar, bem como da noção de pertencimento da comunidade.

Conseguimos também compreender o porquê do fato de que, inicialmente, o grupo dos pequenos turistas não se sentia pertencente aos lugares do roteiro. Afinal muitos integrantes do grupo sequer conheciam esses lugares e por consequência sua história. Como sentir-se pertencente sem esses elementos?

Há de se enfatizar que as ações descritas ao longo deste artigo podem ter um resultado mais eficaz e impactante com grupos de adultos. A linguagem utilizada e as informações apresentadas podem ter um direcionamento ainda mais crítico se trabalhadas com um grupo de percepção crítica mais enraizada, porém com maiores valores para confrontar com a proposta do roteiro.

O roteiro utilizado, apesar de ter tido um enfoque pedagógico, pode muito bem ser adaptado para a comercialização e venda de pacotes turísticos para turismo receptivo na

cidade de Osório. É possível adaptar a atividade para qualquer comunidade que busque recuperar seu sentimento de pertencimento se utilizando de um roteiro turístico, adequando os lugares de importância e convocando os sujeitos para agir.

Referências

BRASIL. Lei 9795 de 27 de abril de 1999. *Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências*. Brasília, DF. Abril de 1999.

CHADDAD, Flávio Roberto. *Princípios metodológicos da Educação Ambiental e suas aplicações em projetos escolares*. Goiânia. Enciclopédia Biosfera. Centro Científico Conhecer. 2012.

CHIMENTI, Silvia; TAVARES, Adriana de Menezes. *Guia de Turismo: o profissional e a profissão*. São Paulo. SENAC. 2007

COUSIN, Cláudia da Silva. *Pertencimento Ambiental*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, FURG/Sead, 2010.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Para onde vai a Educação Ambiental? Brasília. *Revista Contemporânea de Educação*. 2012.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. *Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora*. Rio Grande. Ambiente e Educação, 2003.

MARIN, Andreia Aparecida. Ética, Estética e Educação ambiental. *Revista de Educação*. PUC, Campinas. Campinas. 2007.

MOTA, Junior Cesar. A Educação Ambiental Estética como uma ferramenta à (re)significação do ser-senvível. Rio Grande. FURG. *ANAIS DO IV SEMINÁRIO INTERFACES PEDAGÓGICAS: LICENCIATURAS EM DIÁLOGO: Escola & Universidade: Utopias, Tempos e Experiências*. 2016.

MURY, Guido. *Datas e Fatos de Osório*. Osório. Triluz. 2006.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. São Paulo. Brasiliense, 2006.

RIBEIRO, Pascoalino Lopes. *Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Arroio*. Osório. Triluz. 2006.

SÁ, Laís Mourão. *Pertencimento*. Encontros e Caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, 2005.

SAUVÉ, Lucie. *Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental*. Educação Ambiental. Organizado por Michèle Sato e Isabel Cristina Moura Carvalho. Porto Alegre. Artmed, 2005.

SAUVÉ, Lucie. Viver juntos em nossa terra: desafios contemporâneos da Educação Ambiental. *Revista Contrapontos*. Itajaí. 2016.

SILVA, Lourdes Cerlei. *Saiba mais sobre a cidade de Osório*. Disponível em <http://www.osorio.ifrs.edu.br/site/conteudo.php?cat=47>. Acesso em: 03 jun. 2017.